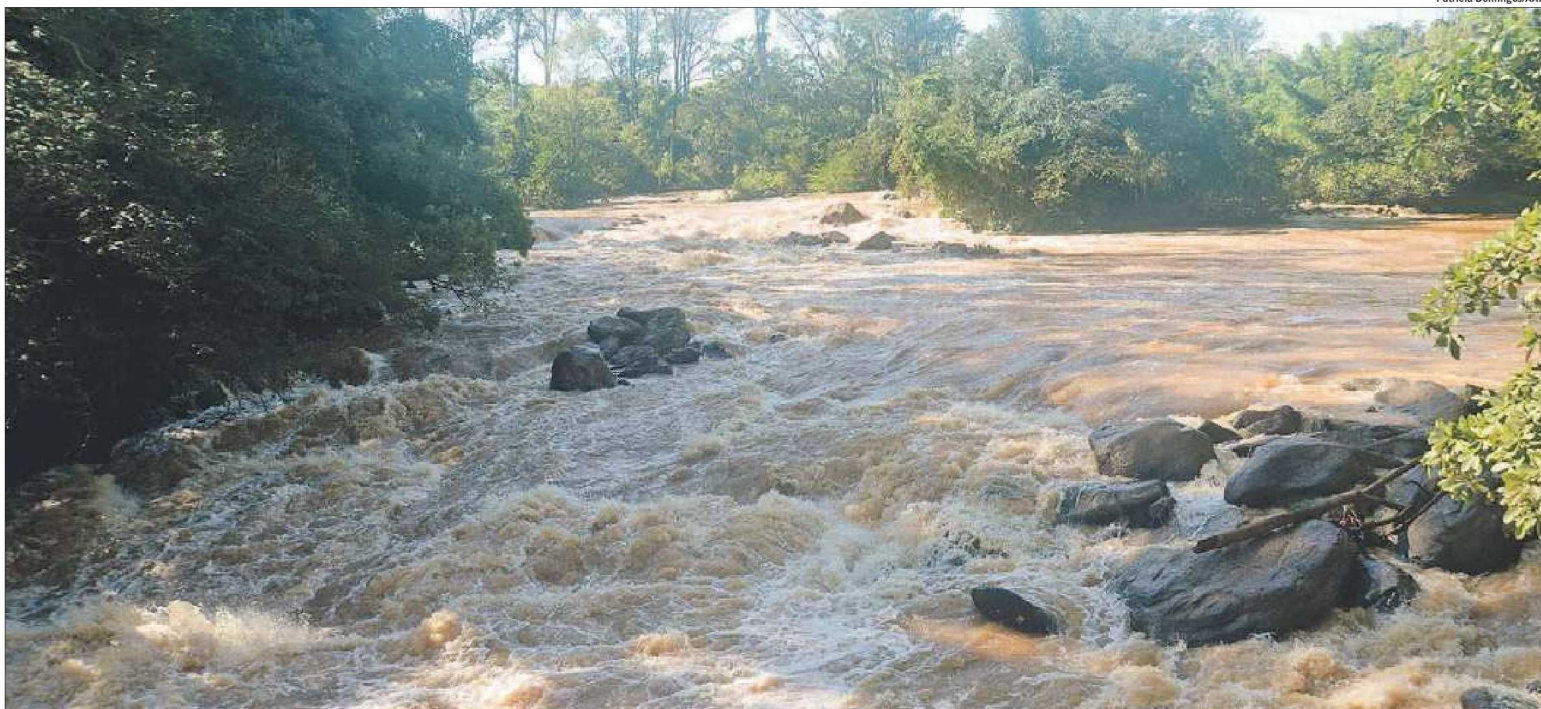




RIOS DA REGIÃO TÊM VAZÃO ACIMA DA MÉDIA COM CHUVAS

Houve transbordamento do Capivari; Atibaia e Jundiáí continuam em estado de atenção. **PÁGINA A4**



Rio Atibaia com vazão acima da média para o mês de maio na altura do bairro Carlos Gomes, em Campinas: nível do manancial faz Comitê PCJ considerar estado de atenção em trechos que passam por Itatiba e Paulínia

OUTONO III CHUVOSO

Chuvas atípicas elevam nível dos rios

Houve transbordamento do Capivari; apesar de trégua, o Atibaia e o Jundiá continuam em atenção

José Eduardo Mansur
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
jose.mansur@rac.com.br

Nem todos os casacos saíram do armário neste Outono, mas os guarda-chuvas continuam de sobreaviso. A estação chuvosa e menos fria tem contrariado o histórico meteorológico para o período. Da mesma maneira, os rios que cortam a Região Metropolitana de Campinas (RMC) estão com a vazão acima da média para maio.

Clima inesperado para o período pode trazer impacto à agricultura

Apesar de não haver registros de chuvas significativas nos últimos três dias, moradores do bairro Moreto, em Capivari, continuam fora de suas casas aguardando as águas baixarem. Os temporais deste mês também deixaram em alerta os produtores rurais da região, justamente no período antes da época de estiagem.

De acordo com a Prefeitura de Capivari, as cheias do rio que corta a cidade deixaram oito famílias desabrigadas, que continuam amparadas nas dependências do Centro de Ginástica, no Centro. Cerca de 35 pessoas estão recebendo seis refeições por dia, além de assistência médica. Já outras nove famílias desalojadas estão em casas

Temperatura global em elevação se reflete na RMC

As previsões do tempo para as estações do ano se baseiam nas médias previstas pelos climatologistas, com base também nas medições anteriores. Por meio dessas avaliações climáticas, os cientistas já sabem que a temperatura média do planeta está mudando. O ano passado foi o mais quente registrado desde 1880, quando começaram os registros. O recorde foi atingido pelo terceiro ano consecutivo, depois de elevações registradas em 2015 e 2014. Ana Ávila, do Cepagri, confirma que o padrão de elevação da temperatura também se aplica à RMC. No entanto, a meteorologista explica que a temperatura mais alta no

Outono não significa que o Inverno na região será mais quente. Para o engenheiro agrônomo Geraldo Magela, o aumento gradual da temperatura pode fazer com que determinadas culturas migrem de região em busca de uma melhor adaptação ao clima, como já acontece com o café produzido no Brasil. A média para o cultivo deve estar entre 18° e 24°, no máximo, de acordo com o tipo de grão. “A longo prazo podemos ter uma mudança de perfil sobre culturas que precisam de temperaturas mais baixas.” Ainda assim, de acordo com especialista, as atuais pesquisas ajudam a desenvolver variações dos produtos mais adequadas às novas condições climáticas. (JEM/AAN)

de parentes. Todas elas moram na Rua João Moretti, no bairro Moreto, que até ontem continuava intransitável.

A cidade ainda tem outros três pontos de cheia. No período da manhã, o nível do Capivari registrava 2,49m e à tarde o

volume havia caído apenas quatro centímetros. A profundidade está bem acima do limite normal para esta época do ano, 80cm. Quando a água baixar, a Prefeitura vai precisar usar máquinas e tratores para limpar as ruas e recolher o entulho.

SAIBA MAIS

Apesar do Outono atípico, já está em vigor o Plano de Contingência para o período de estiagem na RMC desde o início de maio. A ação é desenvolvida pelas coordenadorias estadual e regional da Defesa Civil e abrange 20 municípios. O planejamento é amparado pelas atividades do Cepagri e visa acompanhar as medições da umidade relativa do ar. O indicador segue os parâmetros internacionais firmados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no que diz respeito aos alertas, principalmente, sobre o ar demasiadamente seco. A Operação Estiagem prevê ações do poder público no sentido de proteger e promover a saúde da população na época sem chuvas. A constatação da baixa umidade deflagra medidas de prevenção ou mitigação de incêndios nas matas.

Na altura de Monte Mor, o Capivari também transbordou com as últimas chuvas, mas o nível do rio diminuiu e não oferece mais risco aos moradores. Das quatro famílias desalojadas, apenas uma decidiu não voltar para casa por medo de

novas cheias, conforme a Defesa Civil.

Em relação a Campinas, as chuvas não trouxeram grandes transtornos para a população. No entanto, a vazão do Rio Atibaia na região está pouco mais de três vezes maior que o histórico registrado para o mês. Conforme medições do Comitê da Bacia Hidrográfica dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá, o Atibaia, nas alturas de Itatiba e Paulínia, e o Rio Jaguari, em Jaguariúna, estão em estado de atenção. Maio deste ano já registra o segundo maior volume de chuvas desde 1989, quando começaram as medições do Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climatológicas Aplicadas à Agricultura (Cepagri), da Unicamp. Nas últimas 72 horas, as estações pluviométricas de Campinas não registraram volumes significativos de precipitação, mas o mês acumula 130,2mm de chuvas, quase o dobro da média esperada para maio, 63,3mm. O recorde foi de 192mm em 2005. Já o mês de abril teve média de chuvas quase 50% acima da normalidade histórica para o período, que é de 38,6mm.

Agricultura

Para Geraldo Magela, engenheiro agrônomo da Casa da Agricultura de Campinas, a continuidade das chuvas pode afetar a produção rural na RMC. “Estamos no limiar porque a umida-

de do solo aumentou muito. A falta de dias com sol, aliada à baixa temperatura, pode desenvolver doenças agrícolas e prejudicar a qualidade dos produtos”, alerta o especialista, que esteve em contato com os produtores da região dos Amareiros para saber sobre as condições atuais das plantações. Nesta época do ano, as safras mais afetadas seriam as de legumes e verduras, além do morango, o que poderia provocar o aumento dos preços desses alimentos.

Pelo menos até o fim de semana, as previsões apontam tempo estável e baixas chances de fortes chuvas, com pequena elevação da temperatura. Segundo a meteorologista Ana Ávila, do Cepagri, não há indicação de chuvas fortes e prolongadas na RMC até os dez primeiros dias de junho. “Vamos ter o tempo típico de Outono, com sol e baixas condições para a formação de pancadas de chuva.”

Ano passado, o período de seca começou no início de junho e terminou somente com as chuvas de meados de agosto, contabilizando 67 dias de estiagem. “Neste período, a temperatura está mais baixa e não há tanta influência da umidade vinda da Amazônia, o que não favorece a formação de nuvens de chuva porque o ar está mais seco”, explica Ana, dizendo ainda que não há como confirmar com precisão as condições climáticas nos próximos meses.